

Coleção Desenvolvimento do Turismo

Volume 4

**LAZER E TURISMO:
PERSPECTIVAS NO ÂMBITO
DA PÓS-GRADUAÇÃO NO
BRASIL**

Organizadores

Alexandre Panosso Netto

Ricardo Ricci Uvinha

SÃO PAULO
Edições EACH
2023

DOI 10.11606/9786588503447



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada

2023 – Escola de Artes, Ciências e Humanidades/USP
Rua Arlindo Bettio, 1000 – Vila Guaraciaba
Ermelino Matarazzo, São Paulo (SP), Brasil
03828-000

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor
Vice-Reitor

Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior
Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES

Diretor

Prof. Dr. Ricardo Ricci Uvinha
Profa. Dra. Fabiana de Sant'Anna Evangelista

Vice-Diretor

Conselho Editorial das Edições EACH

Prof. Dr. Jefferson A. Mello (Presidente -EACH/USP – Brasil)
Profa. Dra. Ana Paula Fracalanza (EACH/USP – Brasil)
Analúcia dos Santos V. Recine (EACH/USP – Brasil)
Profa. Dra. Anna Karenina A. Martins (EACH/USP – Brasil)
Profa. Dra. Clara Vasconcelos (Universidade do Porto – Portugal)
Prof. Dr. Daniel Hoffman (Rutgers University - EUA)
Profa. Dra. Flávia Mori Sarti (EACH/USP – Brasil)
Maria Fátima dos Santos (EACH/USP – Brasil)
Prof. Dr. Michel Riaudel (Sorbonne Université – França)
Profa. Dra. Rosely A. Liguori Imbernon (EACH/USP – Brasil)
Profa. Dra. Verónica Marcela Guridi (EACH/USP – Brasil)

Publicação

Organizadores
Alexandre Panosso Netto
Ricardo Ricci Uvinha

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO
Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca.
Maria Fátima dos Santos (CRB-8/6818)

Lazer e turismo : perspectivas no âmbito da pós-graduação no Brasil /
organizadores Alexandre Panosso Netto, Ricardo Ricci Uvinha. – São Paulo
: Edições EACH, 2023.
1 ebook. – (Coleção desenvolvimento do turismo; v. 4)

ISBN 978-65-88503-44-7 (recurso eletrônico)
DOI 10.11606/9786588503447

1. Turismo – Estudo e ensino - Brasil. 2. Lazer – Estudo e ensino - Brasil.
3. Ensino superior - Brasil. 4. Pós-graduação – Brasil. I. Panosso Netto,
Alexandre, org. II. Uvinha, Ricardo Ricci, org. III. Universidade de São Paulo.
Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Programa de Pós-graduação em
Turismo. V. Série.

CDD 22. ed. – 910

Como citar esta publicação no todo, segundo ABNT NBR 6023: 2018:

PANOSSO NETTO, A.; UVINHA, R. R. (org.). **Lazer e turismo**: perspectivas no âmbito da pós-graduação no Brasil. São Paulo: Edições EACH, 2023. 1 ebook. (Coleção desenvolvimento do turismo, 4). DOI 10.11606/9786588503447.

Como citar o capítulo desta publicação, segundo ABNT NBR 6023: 2018:

SOBRENOME, Iniciais do(s) pré-nome(s); SOBRENOME, Iniciais do(s) pré-nome(s); SOBRENOME, Iniciais do(s) pré-nome(s). Título do capítulo. *In*: PANOSSO NETTO, A.; UVINHA, R. R. (org.). **Lazer e turismo**: perspectivas no âmbito da pós-graduação no Brasil. São Paulo: Edições EACH, 2023. p. xx-yy. (Coleção desenvolvimento do turismo, 4). DOI 10.11606/9786588503447.

Prefácio

Mario Carlos Beni¹

A universidade muda, como tudo na vida. O importante é indagar para onde se caminha e se esse caminho pode ser sentido como positivo pela comunidade acadêmica como um todo e não só pelos burocratas.

De que mudanças este livro nos fala? Como pesquisador já aposentado, preciso começar falando de um tempo desconhecido para os autores destes textos. Era um tempo em que orientador e orientando pouco interagiam antes da defesa e depois cada um seguia seu caminho. O orientador limitava-se a verificar se suas observações e diretrizes foram seguidas. Seja numa dissertação, seja numa tese, texto ia, texto vinha, correções eram feitas e quando se chegava a um produto capaz de sustentar a arguição da banca, o orientador recomendava o depósito do texto e o encaminhava à banca designada. Após a defesa, o orientador desejava todo o sucesso ao novo mestre ou doutor e assim se encerrava o processo.

Hoje esse panorama mudou e há o costume de ambos escreverem e publicarem conjuntamente. Diga-se que essa prática teve de superar certa relutância. Ouvi uma vez um depoimento um tanto ácido de um docente, que o processo de escrita conjunta sempre desaguava num beco sem saída: ou o orientador assinava um mau texto do orientando – risco sempre próximo – ou ele próprio escrevia e o orientando apenas assinava.

Ocorre que os tempos mudaram e escrever passou a ser, mais do que uma forma de expressão do pesquisador, uma obrigação e, o que é pior, quantificada sob critérios difíceis de contestar e sujeita à avaliação do duplo cego, ou seja, dois analistas do texto sem identificação do(s) autor(es). Essa prática sem dúvida aprimora o processo, mas tem a desvantagem dos autores experimentarem às vezes um texto recusado por pessoas que manifestamente são leigas na área. Entendo, assim, o desconforto de muitos pesquisadores. Grades de análise de uma produção são necessárias, é claro, mas sobretudo as quantitativas são sem alma e, por vezes, cruéis.

Felizmente, acredito que hoje todos já se deram conta de que essa evolução é positiva para a ciência em geral e para todos os que nela militam. Juntamente com a necessidade do pesquisador publicar, surgiu a necessidade do orientado também publicar e, aos poucos, ambos passaram a produzir e assinar textos conjuntos.

Para um pesquisador já afastado da rotina acadêmica como eu, o processo continua estranho, mas não resta dúvida de que uma sinergia se produz. Ambos se beneficiam: o orientador, porque seu orientando o coloca diante de quadros de análise que, não raro, gostaria de penetrar, mas sem possibilidade dado o conjunto de tarefas acadêmicas, inclusive sua pesquisa pessoal; o orientado, porque começa a criar gosto por publicar, tendo o suporte de seu orientador.

¹ Professor Doutor Titular aposentado da ECA-USP

Agora, os amigos, professores Alexandre Panosso e Ricardo Uvinha, nos colocam num outro patamar. Já que o ensino na pós-graduação deve (repito, deve) ser associado à pesquisa e à extensão, ao invés de uma simples prova de conhecimentos ao final da disciplina, por que não incentivar os alunos a escreverem juntos com seus orientadores? E por que não supervisionar a elaboração dos textos? Por que não publicá-los ao final? Por que não lhes dar desde o mais cedo possível a possibilidade de adentrar o mundo da publicação científica? O trabalho exige um esforço gigantesco, mas aqui se trata de uma sinergia a um grau bem mais elevado.

É claro que, subjacente a tudo isso, existe uma máxima de que a ciência nunca se esqueceu. Quando duas ou mais pessoas escrevem juntas sobre um mesmo tema, o mérito não é dividido pelo número de autores. Como acontece numa sala de aula, num processo quase místico, em que o conhecimento de uns se derrama sobre os outros, tudo se passa como se cada um de alguma forma também incorporasse o pensamento do outro. Assim, tenho certeza de que os autores e autoras de cada um dos textos deste livro também incorporaram naturalmente a criatividade dos outros. Todos ganham algo mais pelo fato de terem dividido suas próprias reflexões com outros, resultando em processo positivo para todos. Aliás, os critérios de avaliação incentivam o escrever junto, de preferência com pessoas de instituições diferentes, eis outra mudança positiva.

É assim que a interação entre pesquisadores é, mais do que saudável, essencial para a evolução do pensamento científico. A lição é antiga e o exemplo que trago (entre muitos possíveis) é mais do que antigo, pré-histórico. Apenas quando, ainda no neolítico, a técnica do fogo só era dominada por determinados indivíduos e para ações específicas, tal como a produção de cerâmica; artesãos reuniram-se num mesmo território e puderam notar que o calor mais intenso no fundo das fornalhas derretia o ferro, mineral abundante, e com isso teve início a metalurgia, sem a qual (juntamente com a escrita) o desenvolvimento da cidade teria sido impossível.

Não custa lembrar outra lição da vida acadêmica. Esta é eterna e aqui falo diretamente aos autores e autoras dos textos. Por mais que o escrever junto com outros seja prática recomendada, o pesquisador deve ter a certeza de que o seu caminho desemboca na solidão. Até a graduação, ele teve vários mestres. Na pós-graduação, ele tem um orientador e outros docentes capazes de auxiliá-lo no seu trabalho. Se a tese tem de ser inédita é porque o tesista tem de mostrar a vereda solitária que ele escolheu com o auxílio do orientador e, a partir daí, aceitar que, mesmo integrado com outros, ele tem um caminho a percorrer sozinho. Não se iluda, portanto! Você tem de deixar sua marca pessoal no seio da pesquisa científica e, também, escrever sozinho.

Mesmo não me atendo à análise individual dos capítulos, posso assegurar aos leitores que eles terão acesso a uma das mais extensas bibliografias com que me defrontei numa obra. Este livro poderia com justiça intitular-se revisão teórico-bibliográfica do turismo e do lazer.

Não poderia finalizar sem, em primeiro lugar, agradecer a homenagem (que nunca imaginei merecer) de tantas citações ao meu trabalho pessoal, sem esquecer de agradecer a lembrança do meu nome para este prefácio. Quero também exaltar o tirocínio dos professores Panosso e Uvinha. Eles são dignos daquela frase que tantos gestores gostam de usar:

se quiser um trabalho com rapidez, procure aquele que é mais ocupado. Com tantas tarefas acadêmicas, profissionais, de gestão e de extensão, – para dizer o básico, um é presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR) e coordenador de mestrado e doutorado em Turismo; outro é diretor da segunda maior unidade acadêmica da Universidade de São Paulo, a Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP) – eles aceitaram o esforço adicional de coordenarem e acompanharem a redação de tantos textos, unindo todos os docentes do Programa de Pós-Graduação em Turismo da EACH-USP, que convidaram seus orientandos e egressos para a tarefa.

A todos os autores e às horas gastas na tarefa de contribuir para este livro, quero deixar mais uma vez bem clara minha percepção com a leitura de todos os textos (e podem ter certeza de que os li, todos): a universidade colherá bem rápido os frutos desta sinergia.